ISSN: 2358-8829

GRAMÁTICA EM USO: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE LINGUAGEM DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Lívia Rocha Freire [1]
Valéria Viana Sousa [2]

INTRODUÇÃO

O ensino de gramática desempenha papel central na formação linguística dos estudantes, mas, ainda hoje, enfrenta desafios que comprometem sua eficácia em sala de aula. Muitos alunos têm dificuldade em estabelecer relações significativas entre os conteúdos gramaticais e o uso real da língua, tanto na fala quanto na escrita. Esse descompasso decorre, em grande parte, de abordagens tradicionais que tratam a gramática como um fim em si mesma, desvinculada das práticas discursivas e das situações de comunicação cotidiana.

Diante desse cenário, a presente pesquisa propõe uma reflexão sobre o ensino de gramática a partir de uma perspectiva interacionista da linguagem, considerando a gramática não apenas como um conjunto de regras, mas como ferramenta para a construção de sentidos e para a mediação das interações comunicativas. Nesse contexto, a gramática contextualizada emerge como alternativa metodológica, aproximando os conteúdos teóricos das práticas de leitura e escrita vivenciadas pelos estudantes.

O objetivo central deste estudo é analisar como os conteúdos gramaticais transitam do livro didático para as produções textuais dos alunos do ensino médio, investigando de que maneira essa trajetória pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa e crítica. Para tanto, a pesquisa se apoia em fundamentação teórica de autores como Travaglia, Antunes, Possenti e Geraldi, que enfatizam a gramática em diálogo com a linguagem real e o papel do professor como mediador do conhecimento.

Metodologicamente, a investigação adota procedimentos inspirados na etnografia educacional, envolvendo observação participante, aplicação de questionários e entrevistas, além da análise documental de livros didáticos e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa articulação permite compreender não apenas o ensino formal da gramática,

[1] Graduanda do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, freirerochalivia@gmail.com;
[2] Profa. Dra. Valéria Viana Sousa pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, valeria.viana.sousa@uesb.edu.br;

ISSN: 2358-8829

mas também os efeitos de sua aplicação nas práticas de produção textual dos estudantes

Ao refletir sobre as concepções de linguagem que orientam o ensino gramatical e sobre as práticas pedagógicas em sala de aula, a pesquisa pretende oferecer subsídios para a construção de estratégias didáticas mais contextualizadas, significativas e capazes de fortalecer a competência linguística e discursiva dos alunos, aproximando o ensino da gramática do uso real da língua e promovendo a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel comunicativo na sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Concepções de Gramática e seus diferentes conceitos:

Para compreender as diversas abordagens que influenciam o ensino da gramática no contexto escolar, é necessário refletir sobre as concepções de linguagem que sustentam e sustentaram até aqui essas práticas. Cada concepção e abordagem representa uma maneira particular de entender o funcionamento da língua e define o papel que a gramática desempenha no processo de ensino-aprendizagem.

Adotar uma visão interacionista da linguagem é um ponto fundamental na tentativa de superar metodologias que reduzem o ensino gramatical à memorização de normas. A linguagem não ocorre de forma isolada; ela se realiza em situações comunicativas concretas, nas quais os sujeitos interagem a partir de propósitos e contextos específicos. Quando a gramática é trabalhada de forma descontextualizada, desconectada do uso real da língua, seu potencial formativo e comunicativo se esvazia. Dada a importância do tema para professores e alunos, é necessária reflexão aprofundada sobre o ensino da língua. Nesse sentido, Geraldi (1984, p. 41-45) destaca que:

> O professor é um mediador, devendo ensinar de modo que o aluno compreenda a razão e a necessidade do que está sendo ensinado. A língua é uma prática social, por isso é essencial que seu ensino ocorra dentro de um contexto significativo. A interação se dá na relação com o outro, cuja diferença contribui para a formação do sujeito.

Segundo Antunes, o enfoque em uma visão reducionista gera desinteresse e dificuldade de aprendizado entre os alunos. Focar excessivamente em regras gramaticais, desvinculadas de situações práticas, leva a uma queda na fluência verbal e na capacidade de ler e escrever de forma mais complexa e contextual.

Nesse cenário, destaca-se a proposta da **Gramática Contextualizada**, que busca aproximar o estudo dos fenômenos gramaticais das práticas discursivas cotidianas. Antunes defende essa abordagem como uma alternativa mais significativa para o ensino.

ISSN: 2358-8829

> Seria uma perspectiva de estudo dos fenômenos gramaticais, ou uma estratégia de exploração do componente gramatical do texto, tomando, como referência de seus valores e funções, os efeitos que esses fenômenos provocam nos diversos usos da fala e da escrita (ANTUNES, 2014, p. 46).

Essa perspectiva contribui para que os estudantes se apropriem dos recursos gramaticais a partir da leitura e da escrita em situações reais, desenvolvendo não apenas competências linguísticas, mas também a capacidade de interpretar, construir sentidos e refletir sobre os efeitos produzidos pela linguagem. Ao enfatizar o uso efetivo da língua em contextos diversos, Antunes reforça:

> Convém ressaltar que uma gramática contextualizada requer, também e sobretudo, que as descrições que dela são feitas encontrem apoio nos usos reais, orais e escritos, do português contemporâneo, ou seja, nos textos que ouvimos e podemos ler na imprensa, nos documentos oficiais, nos livros ou revistas de divulgação científica etc. Implica, pois, ter como respaldo o que, de fato, pode ser comprovado nos textos que circulam aqui e ali por esse Brasil afora (ANTUNES, 2014, p. 111).

Dessa forma, a gramática deixa de ser um fim em si mesma e passa a ser um instrumento para compreender e atuar no mundo por meio da linguagem. O trabalho com a Gramática Contextualizada amplia a capacidade crítica dos alunos e convida os professores a promover práticas mais reflexivas, capazes de evidenciar o papel social, político e comunicativo da língua no cotidiano.

A seguir, apresentamos concepções de linguagem que ajudam a contextualizar as escolhas metodológicas no ensino gramatical: a linguagem como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação.

Primeira concepção: A linguagem como expressão do pensamento

Essa concepção, frequentemente presente em abordagens tradicionais do ensino de gramática, entende a linguagem como um reflexo direto do pensamento. Nessa visão, a produção linguística depende da organização lógica das ideias, e expressar-se bem pressupõe, antes de tudo, pensar bem. A forma como se compreende essa relação entre língua e pensamento influencia o ensino, que tende a priorizar a normatização da língua como um meio de “corrigir” ou “ajustar” a expressão das ideias.

> A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

A partir dessa concepção, a gramática se apresenta como um sistema que organiza o pensamento lógico, orientando o aluno para se expressar com clareza e precisão, ainda que de forma descolada do uso concreto da linguagem.

ISSN: 2358-8829

Segunda concepção: A linguagem como código de comunicação

Ainda bastante presente no ensino tradicional, essa concepção trata a linguagem como um código utilizado para transmitir informações. A língua, nesse caso, é vista como um sistema fechado de signos que se combinam conforme regras já pré-estabelecidas. Segundo Antunes, essa visão histórica da língua a reduz a um conjunto de signos descontextualizados, estudados de forma isolada, como se a gramática fosse um corpo estático de normas desvinculadas do uso real. O ensino se concentra em morfossintaxe, classificar palavras e seguir nomenclaturas, sem dar importância ao uso real da língua nas interações sociais. (ANTUNES, Irandé, 2009, p.20).

O papel do ensino gramatical concentra-se no domínio das normas e estruturas, com o objetivo de garantir eficácia na transmissão de mensagens entre emissor e receptor, nessa perspectiva Travaglia afirma que:

> Essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização - na fala (cf. Saussure) ou no desempenho (cf Chomsky). Isso fez com que a linguística não considerasse os interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, isto é, afastou o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua. Essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda segundo uma perspectiva formalista - que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua - e que separa o homem no seu contexto social. (TRAVAGLIA, 1997, p. 22).

Essa perspectiva se reflete em práticas escolares centradas na decodificação da norma culta e na repetição de regras. Autores como Saussure e Chomsky influenciaram essa abordagem ao priorizar o estudo estrutural da língua, desvinculado de suas situações concretas de uso.

> Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. (TRAVAGLIA, 2009, p. 22).

Embora essa visão possibilite a aprendizagem das estruturas formais da língua, ela ainda mantém distância da linguagem viva, do contexto e da intencionalidade que constituem os atos comunicativos reais.

Terceira concepção: Linguagem como prática de interação e a gramática tradicional

A terceira concepção se alinha com as propostas mais recentes de ensino de gramática baseadas na análise linguística, que compreendem a linguagem como prática social e interativa. Aqui, a ênfase recai sobre a construção de sentidos, as relações entre os interlocutores e os contextos em que a comunicação ocorre. Essa perspectiva fundamenta-se

ISSN: 2358-8829

na noção de linguagem como ação — como algo que se realiza em interação.

Nessa concepção, a linguagem ultrapassa a função de representação ou codificação e passa a ser compreendida como espaço de trocas sociais. A gramática, portanto, deixa de ser apenas um conjunto de normas e passa a ser pensada como um recurso para produzir efeitos de sentido.

> A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e 'falam' e 'ouvem' desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (TRAVAGLIA, 2002, p. 23).

A partir dessa perspectiva interacionista de linguagem, é possível questionar práticas de ensino que tratam a gramática como um corpo fixo de regras descoladas do uso real da língua. No entanto, apesar das discussões teóricas avançarem no sentido de uma abordagem mais comunicativa e contextualizada, ainda predomina, em muitos espaços escolares, uma visão tradicional e normativa da gramática

E a gramática tradicional?

Ainda que existam diferentes maneiras de compreender a gramática, uma de suas concepções mais difundidas no contexto escolar é a que a define como um manual de regras para o uso "correto" da língua. Essa visão, centrada na ideia de correção linguística, sustenta o entendimento da gramática como um conjunto de normas a serem seguidas para falar e escrever bem. Nessa perspectiva, Possenti (1998) afirma que a gramática é um conjunto de regras, que são o caminho exato para quem quer produzir escritos e falar de forma correta" e acrescenta ainda que "não é um conceito de muita precisão em sua essência, porém não é uma definição enganosa

Trata-se, portanto, da chamada gramática normativa ou prescritiva, cuja função principal é regulamentar o uso da língua com base em modelos considerados cultos e corretos. Essa concepção ainda predomina em muitos livros didáticos e práticas docentes, priorizando a forma escrita e a padronização da linguagem em detrimento da funcionalidade comunicativa. Travaglia (2004) aprofunda essa crítica ao afirmar que a gramática normativa:

ISSN: 2358-8829

> Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e lexicais), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como sendo a língua verdadeira. (TRAVAGLIA, 2004, p. 30)

Percebe-se que a gramática tradicional está fortemente associada à memorização de regras e à imposição de padrões linguísticos fixos, muitas vezes desvinculados das práticas reais de comunicação. Assim, o domínio da língua passa a ser entendido como o domínio de um único modelo idealizado, o da norma culta escrita, o que pode gerar um ensino excludente e pouco significativo para os alunos.

Embora amplamente disseminada, essa abordagem tende a negligenciar o caráter vivo e dinâmico da língua, além de reforçar uma visão excludente do que é considerado certo ou errado no uso linguístico. Repensar o ensino de gramática a partir de práticas de linguagem e mediações didáticas contextualizadas, portanto, é essencial para promover um ensino mais inclusivo, crítico e alinhado à realidade comunicativa dos alunos.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e com procedimentos inspirados na etnografia educacional, fundamentando-se nos pressupostos de André (2005). O estudo foi desenvolvido no segundo semestre de 2025, no Colégio Estadual Padre Luiz Soares Palmeira, localizado em Vitória da Conquista, Bahia, com estudantes do 1º ano E do Ensino Médio da rede pública estadual.

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário composto por oito questões, sendo seis fechadas e duas abertas, aplicadas a 31 estudantes. O instrumento teve como objetivo compreender as percepções dos participantes sobre o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, suas dificuldades de aprendizagem e as relações estabelecidas entre os conteúdos gramaticais, a leitura e a produção textual.

A investigação também se fundamentou em pesquisa bibliográfica, mediante a discussão de estudos de autores como Antunes (2009, 2014), Geraldi (1984), Possenti (1996) e Travaglia (2009), que contribuem para a reflexão sobre o ensino de gramática e sua relação com as práticas sociais de linguagem. A análise dos dados foi realizada a partir da organização das respostas dos questionários em gráficos, possibilitando identificar recorrências nas percepções dos estudantes e relacioná-las aos pressupostos teóricos que orientam o estudo, especialmente à perspectiva interacionista e ao funcionalismo linguístico.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte do trabalho, estruturada em três partes, são apresentados e discutidos os dados obtidos ao longo da pesquisa desenvolvida no segundo semestre de 2025. Mostra-se necessário enfatizar que o percurso metodológico adotado está fundamentado em uma perspectiva inspirada na etnografia educacional, conforme os pressupostos de André (2005), ainda que, para fins específicos deste estudo, o principal instrumento de coleta tenha sido o questionário. Esse instrumento permitiu reunir informações essenciais sobre como estudantes compreendem e vivenciam o ensino de gramática no contexto escolar, especialmente no que se refere ao trânsito dos conteúdos gramaticais entre o livro didático e a produção escrita dos alunos.

Os dados foram obtidos por meio de questionários aplicados aos alunos do ensino médio da rede pública estadual de Vitória da Conquista, Bahia. O instrumento direcionado aos alunos continha questões fechadas e abertas, com o objetivo de identificar suas percepções sobre a aprendizagem gramatical, sua relação com o uso da língua em práticas reais e a presença ou ausência desses conteúdos em seus próprios textos.

A análise preliminar das respostas indica que, embora haja iniciativas de integração entre gramática e práticas de linguagem, persistem evidências que reforçam a hipótese norteadora desta pesquisa: as atividades gramaticais, muitas vezes, ainda são tratadas de forma descontextualizada, enfatizando a memorização de regras e a classificação de estruturas, em detrimento da reflexão sobre o uso da língua em situações reais de comunicação. As respostas dos alunos revelam, de modo recorrente, uma dificuldade em estabelecer vínculos entre o que estudam nos livros didáticos e o que utilizam ao escrever seus textos. Do mesmo modo, parte dos professores aponta obstáculos na implementação de propostas que articulem gramática, leitura e escrita de forma significativa, seja por falta de tempo, seja pela organização dos materiais didáticos, que ainda tendem a priorizar atividades estruturalistas.

Nesse cenário, observam-se importantes convergências com os estudos de Geraldi, Antunes, Travaglia e Possenti, que discutem a necessidade de superar modelos normativos e prescritivos para promover uma concepção de gramática em diálogo com a linguagem real. Os dados aqui analisados reforçam essa perspectiva: práticas ainda centralizadas na norma e no código contribuem para o distanciamento entre o estudo da gramática e a construção de sentidos na escrita dos alunos. Assim, a pesquisa evidencia que o ensino gramatical

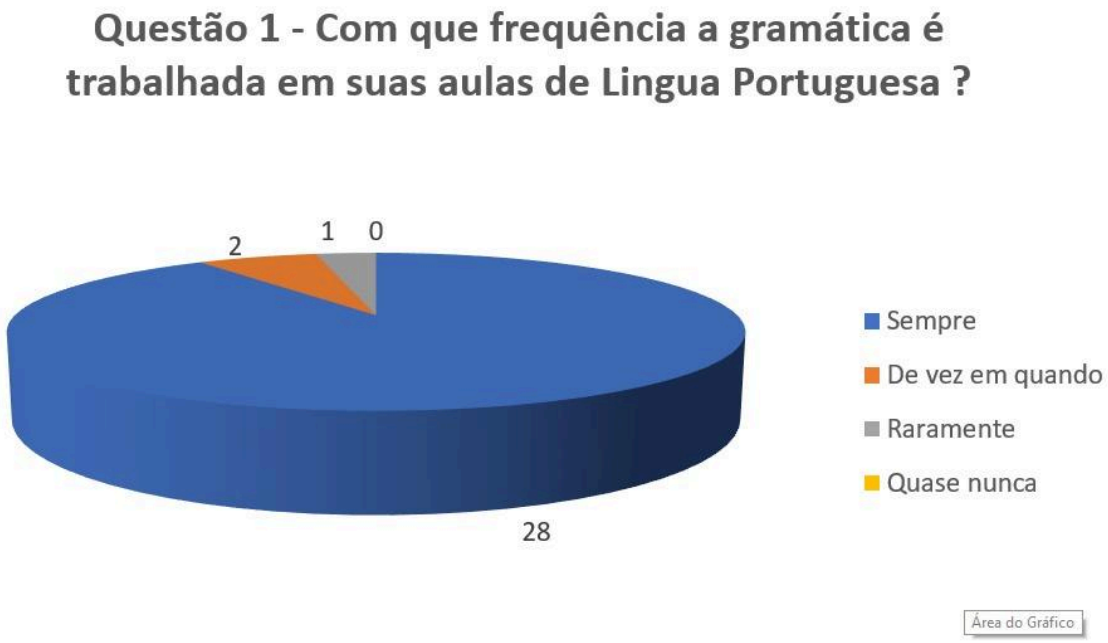
ISSN: 2358-8829

permanece, em muitos casos, dissociado da função social da língua, o que impacta diretamente o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes.

Percepções dos alunos sobre a gramática: sentidos atribuídos, desafios e aplicações

Apresenta-se a análise dos dados a partir do primeiro gráfico.

Gráfico 1: Frequência com que os professores abordam a gramática nas aulas de Língua Portuguesa



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

ISSN: 2358-8829

O Gráfico 1 apresenta a frequência com que os professores abordam conteúdos gramaticais durante as aulas de Língua Portuguesa. As categorias consideradas foram: sempre, de vez em quando, raramente e quase nunca. Observa-se que a maior parte dos estudantes (28) afirmou que a gramática é trabalhada sempre, evidenciando que esse conteúdo ainda ocupa um espaço central no planejamento pedagógico das aulas.

Em contraste, um grupo significativamente menor (2) afirmou que a gramática é trabalhada de vez em quando, enquanto apenas 1 estudante declarou que isso ocorre raramente e um outro (0) assinalou a opção quase nunca. Esses resultados sugerem que a abordagem gramatical permanece fortemente presente no cotidiano escolar, alinhando-se ao que Geraldi (1997) aponta ao discutir a tradição normativa que ainda prevalece nas práticas de ensino de língua materna.

Essa predominância da opção "sempre" permite inferir que a escola tende a manter uma perspectiva de língua centrada em regras e estruturas, priorizando exercícios e explicações formais em detrimento de práticas discursivas contextualizadas. Tal cenário reforça a necessidade de repensar a função da gramática nas aulas de Língua Portuguesa, de modo que ela se torne um instrumento a serviço da leitura, da análise linguística e da produção de textos e não apenas um conteúdo descolado da prática real de uso da linguagem.

Gráfico 2: Práticas docentes no ensino de gramática



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

ISSN: 2358-8829

O Gráfico 2 apresenta como os professores costumam ensinar gramática, considerando as seguintes opções: explica regras e faz a turma copiar e fazer exercícios, usa textos ou situações para mostrar como a língua funciona, relaciona com músicas, vídeos ou poemas, só revisar a gramática quando repara erro na produção dos textos ou usa todas as opções.

Os dados revelam que a maior concentração de respostas (28) refere-se à prática tradicional de explicar regras e propor exercícios de fixação, apontando novamente para a forte presença do ensino normativo no cotidiano escolar. Em seguida, 16 estudantes indicaram que o professor usa textos ou situações para mostrar o funcionamento da língua, o que representa um avanço em direção a uma abordagem contextualizada, embora ainda seja numericamente inferior à metodologia tradicional.

Outras práticas aparecem em menor escala: 2 estudantes afirmaram que o professor relaciona gramática com músicas, vídeos ou poemas, enquanto apenas 1 declarou que o docente revisa conteúdos apenas quando encontra erros. Ainda mais reduzido é o número de estudantes (1) que indicou que o professor utiliza todas as opções, o que demonstra que práticas diversificadas ainda não são recorrentes.

Esses resultados reforçam a análise anterior ao indicar que o ensino de gramática permanece predominantemente baseado na transmissão de regras e na execução de exercícios. Embora algumas práticas contextualizadas apareçam, elas ainda são menores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia que o ensino da gramática ainda enfrenta desafios significativos, especialmente quando abordado de forma descontextualizada e normativa. Os dados coletados indicam que os alunos apresentam maior motivação e engajamento quando os conteúdos gramaticais são relacionados a situações reais de uso da língua, seja na fala ou na escrita. Isso reforça a necessidade de práticas pedagógicas que aproximem a teoria gramatical da experiência comunicativa cotidiana dos estudantes.

Observou-se também que a percepção dos alunos sobre a gramática está diretamente ligada às estratégias utilizadas pelos professores em sala de aula. Quando o ensino se limita à memorização de regras ou à aplicação normativa, a aprendizagem tende a ser superficial e pouco significativa. Por outro lado, quando a gramática é apresentada como um instrumento

de compreensão e produção textual, contextualizado em diferentes gêneros e situações comunicativas, os alunos conseguem perceber sua utilidade prática, refletir sobre o uso da língua e aprimorar sua competência linguística e discursiva.

Portanto, os resultados desta investigação indicam que repensar o ensino gramatical é fundamental para promover uma aprendizagem mais eficaz e significativa. Um enfoque contextualizado e mediado pelo professor contribui não apenas para o domínio das normas linguísticas, mas também para a formação de sujeitos críticos e conscientes da língua, capazes de utilizar a gramática como ferramenta para interpretar, produzir e interagir de forma competente em diversos contextos sociais.

Palavras-chave: Ensino de gramática, análise linguística, funcionalismo linguístico, concepções de linguagem, etnografia educacional.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar***.** São Paulo: Papirus, 2005a.

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. cap. 1-2, p. 19-45.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel, PR: Assoeste, 1984.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2007.

ISSN: 2358-8829

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.